

Comunistas, revolucionários e a passagem de Che Guevara pelo Acre: um olhar sobre um contexto de resistências entre 1962 e 1966.

DANIEL DA SILVA KLEIN*.

O texto em tela pretende elaborar uma narrativa analítica sobre a possível passagem de Che Guevara pelo estado do Acre, localizado na fronteira do Brasil com a Bolívia e o Peru. Os argumentos miram não a personificação desse líder comunista de renome mundial, mas os contextos construídos por pessoas que relataram ter tido algum contato com ele.

Parafraseando o historiador Alessandro Portelli (1996: 58) o objetivo aqui é interpretar a subjetividade presente nesses relatos, procurando entender a construção dos contextos narrados e seus significados impressos nas experiências de seus atores. Ainda partindo de Portelli (2008: 183), podemos dizer que as interdependências entre essas construções e seus significados narrados nos falam de um tempo, de uma cultura recordada, nesse caso, de uma época de atividades de resistência contra a ditadura militar brasileira em um lugar distante dos grandes centros do Brasil, numa região isolada e de fronteira.

A aventura de Che Guevara terminou em algum planalto ermo e seco da Bolívia. As últimas fotografias de seu corpo relembram de uma maneira trágica a fantástica imagem de Alberto Diaz Gutierrez Korda (1960). Várias obras já foram escritas sobre seus últimos dias na guerrilha, mas uma dúvida ainda se impõe aos que estudam sua trajetória: como ele chegou à Bolívia?

Exemplo de que essa dúvida ainda é persistente, tomemos nota de duas grandes biografias já escritas sobre o líder comunista. Ambas são oriundas de pesquisas feitas por jornalistas, uma de autoria de Jon Lee Anderson (2005) e outra de Jorge Castanheira (1997). As duas trazem informações complementares, a despeito dos pontos de vista divergentes entre um autor norte americano e outro mexicano.

* Professor de História da Universidade Federal do Acre. Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo.

Os dois dizem que Che Guevara chegou à Bolívia entre outubro e novembro de 1966, após ter feito uma viagem de avião que saiu de Cuba, passou por Madri e chegou a São Paulo. Da capital paulista tomou um ônibus para Corumbá no Mato Grosso, daí foi de jipe com algumas pessoas para Cochabamaba, em território boliviano. Durante o trajeto Che Guevara teria usado um disfarce e até duas identidades provenientes do Uruguai, cujos nomes são de Adolfo Mena Gonzáles e Ramon Benítez Fernandez (ANDERSON, 2005: 806; CASTANHEDA, 1997: 404).

Os registros fotográficos dos documentos forjados por Che Guevara para essa viagem mostram um indivíduo usando grandes óculos, chapéu inglês, sobretudo e barba aparada. A aparência do guerrilheiro estava sensivelmente modificada para parecer um pacato, velho e honesto trabalhador qualquer do Uruguai (GOMES, 2002: 45).

Jorge Castanheda diz que baseou suas informações sobre esse trajeto de Che Guevara a partir de dois passaportes apreendidos pelo exercito boliviano, que tinham a mesma foto e carimbos de entrada e saída com dias diferentes do aeroporto de Madri. Sem aprofundar o questionamento das fontes de sua pesquisa o autor diz ‘que tudo permite concluir que o trajeto de Cuba à Bolívia foi efetivamente o que consta nos documentos apreendidos’ (CASTANHEDA, *ibid*: 405).

Os documentos apreendidos pelos militares bolivianos podem ser oriundos de um estratagema montado por Che Guevara para confundir os serviços internacionais de espionagem, não evidenciando, de maneira automática, o seu trajeto para chegar à Bolívia. Um *corpus* limitado de informações, principalmente as de um tempo de perseguições não podem ser tratado como sendo ‘efetivamente’ verídico ou que exprimem com exatidão o acontecido (aliás, nenhum documento exprime o que de fato aconteceu). Há que se levar em conta que uma foto, passaporte, livro ou qualquer outra fonte de pesquisa deve ser questionada, contextualizada, comparada (GRANET-ABISSET, 2002: 24).

Portanto, o problema levantado ainda persiste, porque as pistas e evidências constantes nos documentos apreendidos de Che Guevara não respondem satisfatoriamente a pergunta de como ele chegou à Bolívia. É provável que a resposta a tal pergunta esteja viva nas reminiscências de alguns antigos ativistas dos movimentos comunistas e de esquerda residentes na cidade acreana de Rio Branco.

Em uma noite do final de 1966, João Borborema é surpreendido com uma estranha visita por volta das vinte horas. Um homem alto, barbado, de porte físico considerável e carregando uma volumosa mochila bateu na porta de sua casa. Quando João Borborema atendeu, o homem lhe perguntou: “Es Juan, hermano de Raimundo?”. Seu João disse que sim e perguntou o que queria o visitante. De pronto ele sacou um postal assinado por seu irmão, que lhe informava quem era o rapaz, pedia também que o levasse para Bolívia e que se preciso fosse o defendesse com a própria vida.

João Borborema não via seu irmão fazia algum tempo. Raimundo Borborema saiu do Brasil para morar em Cuba em 1961, dizendo que iria treinar para ser guerrilheiro na América Latina. Seu João reconheceu a letra do irmão assim como a eminente figura que estava em sua frente, logo se colocando a sua disposição. Era o lendário Che Guevara em pessoa que lhe pedia para chegar discretamente na Bolívia.

Seu João conta que reconheceu Che Guevara logo porque ele não estava disfarçado. Tinha o rosto cabeludo de sempre, o semblante sério, mas uma personalidade muito simpática. Conversaram algumas amenidades enquanto preparavam-se para a viagem e descobriu que seu irmão naqueles dias estava vivendo bem acomodado em Cuba.

Os dois saíram por volta de meia noite e rumaram para a cidade de Plácido de Castro, na fronteira com a Bolívia, percorrendo uma estrada de barro em um velho jipe. Chegaram ao destino passando de seis horas da manhã e seu João procurou um barqueiro que levasse seu ilustre companheiro dali em diante. O barqueiro atendia pelo nome de Airton e sabia como chegar no ponto em que Che Guevara queria ficar, seguindo para tanto os caminhos entre rios e seringais. A negociação entre os três chamou a atenção de Borborema, pois o comunista argentino pagou o barqueiro em dólar (BORBOREMA, 2005).

Após guiar e encaminhar o ilustre visitante, seu João voltou para casa. Orgulhava-se de ter ajudado um dos homens mais impressionantes da história, segundo sua concepção, e que fez isso em homenagem a tudo o que aprendeu com seu irmão, que tinha viajado por intermédio de Francisco Julião para Cuba e preparava-se para se

formar na perigosa arte da guerrilha. Seu João, quando me concedeu essa entrevista em 2005, estava lúcido, falante e gesticulador. Faleceu em Rio Branco no ano de 2010.

A senhora Francisca Maria, que na época era casada com seu João, me informou certa vez que não se lembrava da passagem de Che Guevara pela sua casa, porque seu ex-marido recebia muitas visitas e passava diversas noites fora. Recordava, porém, do postal que o Raimundo Borborema enviou, pois tinha uma bela foto da torre Eiffel. Questionada sobre onde se encontrava esse documento, respondeu dizendo que o postal perdeu-se nas mudanças que fizeram (MARIA, 2006).

Aparentemente essa pequena historia poderia terminar aqui, mas nos alicerces desse pequeno acontecimento há toda uma teia de relações que demonstram o quão poderiam ser consideradas subversivas algumas pessoas que moravam em Rio Branco naqueles tempos.

Até 1962 o Acre constituía-se em um território federal, onde os governadores eram nomeados pelo presidente da república. Nesse ano o então senador Guiomard Santos, que chegou a governar o território, aprovou uma lei no congresso que transformava o Acre em estado federado.

A declaração do Acre em estado federado colocava termino a um longo movimento autonomista, que vinha desde a anexação do território ao Brasil em 1903 e era liderado pelas elites locais, interessadas no acesso direto aos cargos eletivos da região, no poder de mando das instituições e verbas estatais. O problema é que essas elites foram confrontadas de imediato com um candidato diferente, José Augusto de Araujo, eleito governador no primeiro pleito eletivo do novo estado.

José Augusto de Araujo, acreano de Cruzeiro do Sul, foi eleito após uma campanha cujo slogan era ‘O Acre para os acreanos’. O primeiro governador do eleito no Acre era do Partido Trabalhista Brasileiro, ex-diretor da União Nacional dos Estudantes e graduado em História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro (José Augusto, 2010).

Durante seu governo José Augusto tentou promover algumas reformas sociais profundas, como foi o caso da implantação do método de alfabetização inventado por Paulo Freire. Esse método foi trazido pelo recém formado em sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, o senhor Hélio Khoury, que era assessor especial do governador (COSTA, 1996: 7-8).

Com o apoio do secretário de educação, o senhor Luis Cláudio de Castro e Costa, Hélio Khoury formou uma primeira turma experimental com alunos do 4º Batalhão de Infantaria e Selva, que fica estacionado na capital, Rio Branco. Lá ele começou a implantar um programa que seria estendido para toda a rede pública de ensino, caso desse certo, e tinha o objetivo de alfabetizar toda a população acreana (MENDES, 1996: 40-45).

Durante o governo de José Augusto algumas instituições abriram suas portas no Acre, tais como a Liga Camponesa, que publicou seus estatutos no jornal oficial do estado, o periódico O Acre, em dezembro de 1963, e o Movimento de Cultura Popular do Acre, que tinha o principal objetivo estudar as manifestações culturais acreanas. Essas duas instituições recebiam recursos públicos, pois tinham ganhado o título de entidades filantrópicas (Livro de Registro de Pessoas Jurídicas, 1963).

Hélio Khoury nos contou em uma entrevista (2005), que toda a cúpula do governo estava sendo vigiada por um inimigo comum, o Exército Brasileiro, e mal sabiam disso. O capitão Edgar Pedreira de Cerqueira, comandante do 4º Batalhão de Infantaria e Selva, espionava todas as atividades do governo desde antes de 1964. Os militares tinham as fichas, endereços e sabiam o que faziam todos os assessores de José Augusto quando estourou o golpe. Todos, sem exceção, seriam cassados, alguns foram demitidos do serviço público e outros presos.

Tentando fugir com outro acessor do governo, Hélio Khoury acabou preso num pequeno bote no rio Acre. No período da ditadura foi demitido de seu emprego e ficou sem renda. Conseguiu formar uma pequena criação de galinhas com a ajuda de alguns amigos e da venda de ovos tirava seu sustento. Nesse tempo seu Hélio sofreu um atentado, quando em um dia ensolarado levava alguns frangos para a granja e foi atropelado. O jipe que quase o matara era dirigido por um motorista que transportava o capitão Edgar Pedreira, que ordenou o atropelamento. Conseguiu escapar com vida, mas muito ferido e sem receber socorro por parte do agressor (Id, *ibid*).

Seu João Borborema na época de José Augusto participava ativamente da base de apoio político do governo, tanto é que entre 1961 e 1964 funcionou em sua casa a sede da Liga Camponesa. Participavam dela seu Hélio Khoury, os velhos comunistas de Rio Branco, seu Lourival Messias e o senhor Estanislau Siqueira, o advogado Alberto Zaire e outros simpatizantes.

O irmão de seu João, o Raimundo, foi quem trouxe a idéia de fundação dessa instituição no Acre, pois achava que o momento político era propício para instalação da organização. Ele teve contato com pessoas ligadas a Miguel Arraes em Pernambuco, que conseguiram convencê-lo da importância de uma filial do movimento no norte do país. A Liga, no Acre, atuava em processos judiciais a favor dos seringueiros, que a procuravam para solicitar apoio contra seringalistas que os expulsavam dos seringais, não pagavam os preços devidos pela borracha produzida ou sofriam maus tratos físicos para trabalharem forçadamente.

A despeito do que era dito pela oposição, José Augusto não poderia ser classificado imediatamente como um comunista. Seu governo, em uma hipótese mais convincente, poderia estar localizado em uma postura mais ao centro, porque a coligação que o levou ao poder congregava os partidos herdeiros do getulhismo (PTB, PP e outros) (SILVA, 2004: 3-4).

Numa entrevista concedida ao pesquisador Francisco Mendes, o senhor Wildy Viana, deputado ligado durante a ditadura militar a UDN e ARENA, expressa o que a oposição pensava de José Augusto. Diz ele: “Foi um sonho, um negócio de um jovem que delirou, não ficou marca nenhuma, nada, nada, nada. Não ficou um palmo de estrada, não ficou uma pista de pouso. O tempo foi curto, mas a loucura dele foi maior” (MENDES, 1996: 44).

Obviamente que as ações liberais de José Augusto permitiam algumas atividades de pessoas declaradamente comunistas, mas não foi somente por elas que Che Guevara atraiu-se pelo Acre. Essas pessoas encontraram no curto tempo em que durou a gestão de José Augusto um ambiente mais aberto de manifestação, organização e montagens de planos políticos de ações. A passagem de Che Guevara pelo Acre é evidência desses tempos de preparação, tendo em vista que antes e depois de José Augusto alguns comunistas em Rio Branco preparam todo espaço para suas operações políticas.

O Partido Comunista Brasileiro foi aberto em Rio Branco no final dos anos 40, tendo como principais lideranças os senhores Lucio Cavalcante e Geraldo Mesquita (COSTA, 1992: 50). Geraldo Mesquita seria um dos governadores biônicos da ditadura pós-64 e sua atuação nos tempos em que militava no PCB era estranha para alguns moradores de Rio Branco, porque costumava fazer preleções em escolas para instigar

alunos a se filiarem ao partido e seus camaradas diziam para os mais próximos que ele não sabia nada sobre o que de fato organizavam (DANZICOURT, 2005).

A organização de que falavam era subversiva e poderia colocar a vida dessas pessoas em perigo. Com o final da Coluna Prestes em 1927, alguns de seus comandantes e soldados fugiram para a Bolívia. Para lá foram também outras pessoas que tomaram parte da Intentona Comunista de 1935 (MACAULAY, 1977: 224-225).

Uma dessas pessoas que foram para Bolívia foi Euclides Fernandes Távora, que fugiu de uma prisão em Fernando de Noronha quando a repressão getulhista tornou a perseguição insustentável para ele. Euclides era primo de Juarez Távora, ligado durante um período ao próprio Luís Carlos Prestes e tinha participado da Intentona (Biografia de Francisco Alves Mendes Filho, 2011).

Por volta de 1956 Euclides se muda para as selvas acreanas. Curiosamente ele instala-se no mesmo seringal em que morava o garoto Chico Mendes, então com doze anos. Menos de dez anos depois, em 1965, Euclides disse para seus vizinhos de seringal que viajaria para Xapuri, cidade próxima, mas voltaria logo. Nunca mais foi visto na região. No tempo em que viveu nas vizinhanças de Chico Mendes, Euclides Távora lhe falava sobre os movimentos comunistas e sindicalistas, ouviam as rádios soviéticas e debatiam sobre assuntos trabalhistas. Tais ensinamentos seriam de suma importância para a consolidação da personalidade de Chico Mendes e de suas ações partidárias e ambientais (Chico Mendes, 2010).

Porque um gabaritado guerrilheiro como Euclides Távora viria para o Acre? Haveria na região entre o Brasil e a Bolívia um movimento de articulação para a montagem de uma possível guerrilha? Ou seriam essas terras, então isoladas e quase sem estradas, um lugar perfeito para fugitivos?

Nos dias em que Euclides estava no Acre, um ativista político residente em Rio Branco, o senhor Elieser Moreira, recebeu uma inusitada visita de um senhor negro, alto e muito bem vestido. Após uma longa conversa com o visitante, seu Elieser, que era um homem de poucas palavras, teceu o seguinte comentário para sua filha, Ana Danzicourt: ‘Esse homem sabe coisas de minha vida que eu nunca contei para ninguém’ (DANZICOURT, 2005).

O nome desse visitante de seu Elieser perdeu-se com o tempo, mas chegou a morar em Rio Branco, casando-se inclusive com uma professora. Procurando as

relações que ligavam seu Euclides Távora com o senhor Elieser e esse indivíduo misterioso, fomos indicados a um antigo militante comunista boliviano, que atuava em Rio Branco naquele ano.

Exigindo que seu nome não fosse citado, esse informante anônimo disse que esse homem era o responsável pela articulação dos comunistas em Rio Branco e que ele relacionava-se com Euclides através de contatos via rádio. Das atividades de ambos limitou-se a dizer que tratavam de assegurar passagem de exilados ou foragidos pela região.

A articulação de algum movimento comunista sofreu um duro golpe com a prisão do senhor Estanislau Siqueira, amigo de Elieser Moreira e um dos articuladores do PCB no Acre. Seu Estanislau, que era funcionário público, foi demitido de seu emprego e passou por um longo processo na justiça por causa de suas atividades (SILVA, 2004: 09).

A prisão de seu Estanislau foi marcada por seções de tortura, onde o objetivo dos militares era saber o que os comunistas estavam preparando no Acre. Logo que souberam da prisão do camarada de partido, Euclides Távora e o indivíduo que visitara seu Elieser trataram logo de fugir do Acre, pois logo perceberam que seriam descobertos. Um guerrilheiro famoso como Euclides seria uma presa de grande valor para o regime.

Seu João Borborema confirmou o que o informante boliviano já tinha expressado em sua entrevista, dizendo ainda que o trabalho de ligação entre seu Estanislau, Euclides e outros ia além da montagem de uma rota de fuga, mas atravessar guerrilheiros, mantimentos e informações para que a região servisse como ponto de abastecimento para o movimento que seria iniciado por Che Guevara na Bolívia (BORBOREMA, 2005).

Essa linha de abastecimento só seria possível de ser estabelecida com a anuência de algum grande comerciante da região fronteira, porque a partir de uma base comercial os mantimentos poderiam ser comprados. Obviamente que alguém discreto e ligado aos movimentos de esquerda deveria ser encontrado. Na extensa fronteira entre o Brasil e a Bolívia poucos empresários se encaixavam no perfil procurado pela cúpula do PCB e um deles era o senhor Abrahim Farhat, que tinha uma loja de produtos variados em Rio Branco.

O senhor Abrahim Farhat, que era um jovem leitor de Karl Marx foi contatado por uma pessoa residente no segundo distrito da cidade de Rio Branco e que era muito amigo do senhor Estanislau Siqueira. Essa pessoa tinha sido avisada para que falasse com o Abrahim antes da chegada do Che Guevara ao Acre e que convencesse o comerciante a mandar alguns mantimentos para o líder no país vizinho, fazendo uso da passagem assegurada pelo grupo.

O contato do PCB foi instruído inclusive a oferecer um encontro entre o senhor Abrahim Farhat e Che Guevara para que fosse selado um legítimo acordo. Desconfiado, mas querendo ajudar a articulação em torno do movimento revolucionário, Abrahim não quis se encontrar com o líder argentino, pois tinha notícias das fugas e prisões de comunistas do Acre e não queria ter que envolver sua família em problemas com o governo (FARHAT, 2005).

Ao que tudo indica, Che Guevara chegou em Rio Branco num dia qualquer no final de 1966, procurou um hotel nas proximidades da rodoviária da cidade e por ali ficou até o dia seguinte, quando teria que encontrar com seus contatos indicados por Raimundo Borborema. Seus contatos incluíam a pessoa que procurou o Abrahim Farhat e mais um jovem político, que anos mais tarde seria militante do PMDB. Juntos passaram o dia fazendo reuniões, montando cronogramas das linhas de abastecimento e fazendo conexões com outras pessoas. No início da noite todos foram para uma barbearia e lá Che Guevara aparou sua espessa barba e se preparou para partir rumo à Bolívia.

A barbearia escolhida foi a do seu João Martins, conhecido na cidade como 'João Barbeiro'. Seu João Martins, segundo sua filha a professora aposentada Maria Martins, atuou em diversos movimentos clandestinos na cidade cearense de Quixadá, sendo preso e torturado em 1937. Ele e sua família vieram para o Acre fugindo da perseguição do governo de Getúlio Vargas, mas aqui ele não parou suas atividades porque depois de 1943, quando chegaram, fundou junto com o João Alfaiate e outros o PSB, que logicamente teve vida curta, porque pouco tempo depois foi posto na ilegalidade.

Então com esse passado de atuação intensiva seu João Martins era um homem de confiança e que certamente poderia atender Che Guevara. Não se sabe se seu João Martins tenha tomado parte das articulações montadas pelo PCB na região fronteira,

só que após ter aparado a barba de seu ilustre cliente confidenciou para toda família que tinha recebido Che Guevara em seu estabelecimento. Nos anos seguintes vangloriava-se disso, mas não tecia outros comentários acerca de suas atividades, porque era um homem pacato (MARTINS, 2008).

Quando Che Guevara saiu da barbearia de seu João Martins seguiu para a casa de João Borborema e daí os dois seguiram para Bolívia. Dias depois os contatos que o PCB deixou no Acre retornaram para a loja do senhor Abrahim Farhat. Lá fizeram o cronograma de envio e a loja mandou quatro comboios de caminhão, que saíram em datas diferentes, cheios de mantimentos que incluíam, dentre outros, bombas para asmáticos – Che Guevara, como é sabido desde há muito, sofria de asma (FARHAT, 2005).

Ao longo das pesquisas para montagem dessa narrativa investigativa procurei um dos contatos do PCB que tomaram parte nas reuniões com Che Guevara em Rio Branco. Quando lhe expliquei os objetivos da pesquisa que realizava, se mostrou reticente, dizendo-me que só contaria o que sabe quando estivesse próximo de morrer, porque o assunto poderia custar a reputação de muitas pessoas.

A partir daí uma indagação inquietante surgiu: Porque poucas pessoas aceitaram falar abertamente sobre a passagem de Che pelo Acre como o Abrahim Farhat, a senhora Maria Martins e o João Borborema? Será que esse assunto poderia ainda ter conseqüências graves?

No Acre a passagem de Che Guevara é lembrada noutras histórias que não contradizem a que contamos, mas a complementam. O líder ambientalista Chico Mendes disse certa vez, em uma entrevista concedida ao sociólogo Pedro Vicente, que viu Che Guevara em um barzinho no entrocamento rodoviário que liga a cidade de Xapuri a BR-317 no final de 1966. Na época, ainda jovem, ouvia falar muito naquele homem através do rádio e tinha visto um cartaz com a foto dele numa delegacia da cidade.

Atento ao relato de Chico Mendes, Pedro Vicente tratou logo de registrar aquelas memórias, acreditando que aquele encontro marcava simbolicamente a relação

existente entre os diversos movimentos sociais de esquerda da América Latina. Pedro Vicente percebeu que era plausível a passagem de Che Guevara pelo Acre, tendo em vista as ligações da região com a Bolívia (Programa Almanaque Aquiri, 2009).

No conjunto dessa pesquisa encontramos referência a um esquema de contra espionagem montado pelos serviços de inteligência do Brasil, que vasculhavam a região com escutas telefônicas, agentes infiltrados e oferecendo recompensa por alguma informação relevante acerca dos movimentos comunistas na zona de fronteira. Essa rede também confirma a possível passagem de Che Guevara na região. Dos agentes do Serviço Nacional de Informação alguns eram bem conhecidos no Acre como os senhores Américo de Melo, Aulio Gélío e Marinho Galo (JORGE, 2003).

O ativista Manoel Pacífico (2005), que já foi padre, nos concedeu uma entrevista onde relata os trabalhos incansáveis de um agente do Serviço Nacional de Informação, que entre 1966 e 1967 também era vigário da igreja. Manoel Pacífico sempre ouviu conversas de seus pares que esse vigário dizia que tinha denunciado a passagem de Che Guevara pelo Acre, avisando aos militares sobre a presença do comunista na fronteira do Brasil com a Bolívia.

Essa denúncia teria sido feita a partir de uma estação de rádio montada na sede da paróquia de São Sebastião, na cidade de Xapuri, e após algumas diligências foram montadas pelo exército e a polícia na região que liga essa localidade até o município acreano de Plácido de Castro. Pelos serviços prestados a ditadura no Acre, esse padre sofreu sérias sanções eclesiásticas como ficar impossibilitado de exercer seu ofício no âmbito da igreja, mas por outro lado recebeu de presente de um general um jipe do exército.

As investigações sobre a possível passagem de Che Guevara pelo Acre devem seguir adiante, tendo em vista que esse contexto complexo demonstra ações de pessoas que tomaram parte em movimentos de resistência contra a ditadura militar, atuando desde longa data em movimentos comunistas ou de esquerda antes, durante e após o golpe de 1964.

Bibliografia.

ANDERSON, Jon Lee. Che Guevara: uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
CASTANHEDA, Jorge. Che Guevara: a vida em vermelho. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COSTA, Homero de Oliveira. Os partidos políticos no Acre: 1945-1978. In: Revista Cadernos UFAC. Série A: Estudos Sociais. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 1992.

COSTA, Manoel Pacifico. A esquerda no Acre: uma história a ser escrita! Rio Branco: Impresso, 1996.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GINZBURG, Carlo. História noturna: decifrando o Sabá. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. Relações de força: história, retórica, prova. Trad. Jonatas Batista. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Saulo. Quem matou Che Guevara: o seu delator estava no Brasil. São Paulo: Elevação, 2002.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. In: Revista Projeto História. São Paulo. n. 24, jun. 2002.

JORGE, Luiz Carlos Moreira. Última chamada para Manacapuru. Rio Branco: Printac, 2003.

MACAULAY, Neill. A coluna Prestes: revolução no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado da representação histórica. A batalha de Evarts e a batalha de Crummies (Kentucky: 1931, 1941). In: Revista História e Perspectivas. Uberlândia. n. 39, jul/dez. 2008.

_____. A filosofia e os fatos. In: Revista Tempo. Rio de Janeiro. n. 2, vol. 1. 1996.

SILVA, Francisco Bento da. O golpe militar de 64 no Estado do Acre, Brasil: denunciamento, fragilidade democrática e hipertrofia do executivo. In: Revista A questão social no novo milênio. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: CES, 2004.

Monografia.

MENDES, Francisco das Chagas Nogueira. Governo José Augusto: amor ao povo ou paixão pelo poder? Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 1996.

Entrevistas.

BORBOREMA, João. Ativista do movimento comunista em Rio Branco. Entrevista concedida ao autor no dia 19/09/2005.

FARHAT, Abrahim. Ativista dos movimentos sociais no Acre desde os anos 60. Entrevista concedida ao autor no dia 22/08/2005.

MARIA, Francisca. Funcionária da rede pública de ensino no Acre. Entrevista concedida ao autor no dia 04/07/2006.

KOURY, Hélio. Sociólogo e ativista comunista em Rio Branco. Entrevista concedida ao autor no dia 25/09/2005.

DANZICOURT, Ana. Professora da rede pública de ensino no Acre. Entrevista concedida ao autor no dia 18/08/2005.

MARTINS, Maria. Professora da rede pública de ensino no Acre. Entrevista concedida ao autor no dia 15/10/2005.

PACIFICO, Manoel. Ativista das Comunidades Eclesiais de Base em Rio Branco. Entrevista concedida ao autor no dia 12/10/2005.

Documentos.

Chico Mendes. Texto sem autoria. Setor de Arquivo. Departamento de Patrimônio Histórico do Acre. 2010.

José Augusto. Texto sem autoria. Setor de Arquivo. Departamento de Patrimônio Histórico do Acre. 2010.

Livro de Registro de Pessoas Jurídicas, número 1, A-1, aberto em 3 de julho de 1963. Serventia de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, Títulos e Documentos. Tribunal de Justiça, tomo 33877. Registros em 12 de junho e 12 de outubro de 1963.

Programa Almanaque Aquiri. Arquivos de entrevistas da TV Aldeia. Cedido gentilmente ao autor dia 20/03/2009.

Sites.

Biografia de Francisco Alves Mendes Filho. *Instituto Chico Mendes*. Disponível em: <http://www.chicomendes.org.br/Biografia/bio.html>. Acessado dia 13/01/2011.

Comissão de Anistia analisa nesta quarta-feira processo de Chico Mendes no Acre. *Jornal AmbienteBrasil*, 10 dez., 2008. Disponível em: <http://noticias.ambientebrasil.com.br/noticia/?id=42472>. Acessado dia 04/01/2010.

FERREIRA, Edmilson. Brasil pede perdão a Chico Mendes. Disponível em: <http://www.anistiapolitica.org.br/docs/htm/clipping/10122008-iii.htm>. Acessado dia 04/01/2010.

KORDA, Alberto Diaz Gutierrez. *Guerrillero Heróico*. Havana: Cuba, 1960. Disponível em: <http://www.couturiergallery.com/kimage.asp?rowid=621>. Acessado dia 08/12/2010.

MARTINS, Élson. Che Guevara fez a barba no Acre. Disponível em: www.altino.blogspot.com. Acessado dia 10/04/2008.

MENDES, Lyslane. O caso Chico Mendes será julgado hoje. *Jornal Página 20*, Rio Branco, 10 dez., 2008. Disponível em: http://www.pagina20.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2809. Acessado dia 04/01/2009.